

A pedagogia decolonial aplicada com o estudo da sociologia no ensino médio contemporâneo: limites e possibilidades

RESUMO

Luyza Karla Dantas Rabelo

luzadantasr@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-7955-3902>

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Juazeiro, Bahia, Brasil

Geisa Martins Nogueira Costa

geisamncosta@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3768-3186>

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Feira de Santana, Bahia, Brasil

Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E tem como objetivo apresentar reflexões embasadas em documentos legais nacionais da educação, bem como de autores (as) negros (as) direcionados a Pedagogia Decolonial e às práticas pedagógicas antirracistas. Diante disso questionamos: como a perspectiva da Pedagogia Decolonial pode contribuir para a construção das identidades dos jovens negros (as) com o educar antirracista, nos estudos da Sociologia inerentes ao Ensino Médio contemporâneo? A pesquisa tem natureza bibliográfica e qualitativa. Com os seguintes objetivos específicos: analisar os significados da Pedagogia Decolonial; identificar os limites e possibilidades no ensino de Sociologia no Ensino Médio; e, potencializar a implementação da Pedagogia Decolonial para uma educação mais democrática, plural e comprometida com a justiça social. Conclui-se que a decolonialidade aplicada no ensino de Sociologia reestrutura as práticas educacionais que foram historicamente marginalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Antirracista. Ensino de Sociologia. Pedagogia Decolonial.

INTRODUÇÃO

O processo de colonização no Brasil consolidou uma estrutura histórica de exploração que inclui as dimensões do saber, do ser e do poder. Na contemporaneidade, ainda prevalecem movimentos eurocêtricos que impõem valores hierarquizantes e a inferiorização dos sujeitos com base em raça e etnia. Nesse sentido, essas atitudes não apenas reproduzem preconceitos, mas institucionalizam o tratamento injusto contra povos africanos e originários, manifestando-se desde a exclusão sistêmica até agressões cotidianas nos diversos espaços sociais.

O racismo, portanto, é um fenômeno complexo que perpetua desigualdades profundas. Como aponta Almeida (2019), trata-se de algo estrutural, intrínseco à organização política e econômica. Para o autor, o racismo fornece a “lógica e a tecnologia” para a reprodução da violência que molda a vida social. Combatê-lo exige um esforço contínuo de conscientização e educação crítica.

A hegemonia eurocêntrica nos currículos escolares privilegia a narrativa dos colonizadores e silencia saberes ancestrais. Adichie (2019), em sua obra “O perigo de uma história única”, destaca que uma história única nega a dignidade do indivíduo e dificulta o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada. Desconstruir essa visão de dominação é urgente para evitar a marginalização de educandos negros(as) e erradicar visões limitantes sobre a diversidade.

Nesse sentido, a Pedagogia Decolonial propõe uma diversidade epistêmica que valoriza diferentes formas de conhecimento e desafia a supremacia do pensamento ocidental. Na ação docente, adotar essa perspectiva permite fortalecer a identidade e a autoestima dos discentes, ao conectar o saber acadêmico às realidades empíricas e plurais da sala de aula.

Frente aos desafios do Novo Ensino Médio que incluem desigualdades de oportunidade, pressões tecnológicas, questões de gênero e raça, o ensino de Sociologia destaca-se como um componente profícuo. Ele oferece ferramentas teóricas (como etnocentrismo, classe social e identidade) para que as juventudes compreendam as dinâmicas de poder que moldam o mundo.

A Sociologia possibilita que o jovem se perceba como sujeito social em uma fase de intensas transições. Aplicar a Pedagogia Decolonial neste campo significa confrontar currículos colonialistas. Oliveira (2014), em “Educação Antirracista: tensões e desafios para o ensino desociologia”, propõe repensar as bases eurocêtricas do pensamento social brasileiro para incluir a história e a cultura afro-brasileira no ambiente escolar.

Esta pesquisa é resultado de uma trajetória acadêmica marcada pela ancestralidade, consciência, respeito e valorização da diversidade, e pela urgência da efetividade das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 que tratam da obrigatoriedade dos estudos da história e cultura africana e indígena. Apesar do

respaldo legal, a distância para a implementação real desses conteúdos ainda é significativa.

A pergunta central que norteia este trabalho é: como a Pedagogia Decolonial pode contribuir para a construção das identidades de jovens negros (as) através de uma educação antirracista na Sociologia? Seus objetivos são: analisar os significados da Pedagogia Decolonial para uma educação antirracista; identificar os limites e possibilidades dessa abordagem no ensino de Sociologia no Ensino Médio; e potencializar as possibilidades de implementação da Pedagogia Decolonial para uma educação mais democrática, plural e comprometida com a justiça social.

CONCEITOS SOCIOLÓGICOS E DECOLONIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O reconhecimento da alteridade é fundamental para o combate aos preconceitos. Praticar a alteridade nas Ciências Sociais significa validar a história, a cultura e a subjetividade do “outro” como legítimas. Como argumenta Freire em Pedagogia da Autonomia (1996), a educação é um ato político que exige engajamento epistêmico. A pedagogia libertadora propõe uma concepção problematizadora que conecta o currículo às realidades vividas e transforma o ensino e aprendizagem em um processo de humanização e emancipação.

Atuar como educador (a) crítico (a) demanda o questionamento das relações de poder, currículo e material didático, especialmente no Ensino Médio, sendo um período de intensa potencialidade das juventudes. Em “Como ser um educador antirracista”, Pinheiro (2023, p. 20) afirma que “a educação é o ato de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos”.

Em se tratando das diretrizes curriculares, não podem ser apenas retórica, é preciso que a escola assuma seu papel na erradicação de discriminações e do combate à colonização do saber, do ser e poder, no sentido da compreensão do racismo estrutural brasileiro.

Destacamos que, nas escolas, o racismo institucional manifesta-se de muitas formas, por exemplo, através da invisibilidade de educandos (as) negros ou da “folclorização” de suas culturas. Mas, apesar da reprodução das desigualdades, a educação é o caminho profícuo para combater preconceitos e a Pedagogia Decolonial propõe decolonizar os currículos para buscar as identidades dos (as) educandos (as).

A compreensão de que existem diversos modos de ser jovem, colabora para entender que a cultura não deve ser vista como algo estático, mas como um campo de forças dinâmico. Hooks (2013) em “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” alerta para o perigo de abordagens pedagógicas únicas que ignoram referências culturais diversas, perpetuando estigmas.

A educação antirracista deve integrar as interseccionalidades de classe, raça e gênero. Dados do Todos Pela Educação (2023) revelam o abismo estrutural: jovens negros e pardos alcançaram, apenas em 2022, o patamar de acesso ao Ensino Médio que jovens brancos já detinham em 2012. Essas estatísticas evidenciam que o racismo é um motor de exclusão escolar.

A superação desse quadro exige o reconhecimento do Pacto da Branquitude, conforme definido por Bento (2022): um acordo tácito de autopreservação de grupos brancos que empurra o “outro” para a margem. Debater a branquitude é essencial para deslocar o branco do lugar de “referência universal” e abrir espaço para a diversidade real.

Nesse cenário, os movimentos sociais têm grandes contribuições para a construção do pensamento crítico, o respeito e valorização da diversidade. Em se tratando da temática, o Movimento Negro possui um caráter educador fundamental como aponta Gomes (2018). Foi através dessa articulação política que conquistas como a Lei nº 10.639/2003 foram consolidadas.

Uma educação decolonial deve ultrapassar as “datas comemorativas” (13 de maio e 20 de novembro) e dialogar com a resistência e a produção intelectual negra. Nessa lógica, Pinheiro (2023) reforça que educar para o antirracismo não é apenas falar de tragédias ou da escravização, mas sim de potência e ancestralidade. É necessário apresentar a África como berço das ciências e das artes e reforçar a autoestima dos educandos. Quando o aluno negro se vê representado como herdeiro de uma história positiva, sua capacidade de ação e seu orgulho identitário são fortalecidos.

LIMITES E POSSIBILIDADES DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO PARA UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL

No Ensino Médio, a Sociologia oferece as ferramentas analíticas para decifrar a “categoria social” da juventude. Groppo (2017) destaca que o termo deve ser usado no plural, devemos falar em juventudes para respeitar as diferentes subjetividades do ser jovem. A escola, ao ignorar essas diferentes identidades, pode reforçar processos de exclusão e distanciamento entre os educandos e o ambiente escolar. Desse modo, a Sociologia no Ensino Médio torna-se fundamental para promover reflexões críticas sobre a realidade social dos jovens e contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais democráticas e acolhedoras.

A escola pública é frequentemente o primeiro local no qual o jovem enfrenta o estigma, como descrito por Goffman (1988). Nesse ambiente, ele pode ser marcado por rótulos sociais que afetam sua autoestima, participação e sentimento de pertencimento no espaço escolar. Esse estigma é alimentado por uma realidade violenta: 78% das vítimas de violência armada no Brasil em 2019 eram pessoas negras (Instituto Sou da Paz).

A decolonização implica combater o apagamento dos saberes produzidos por negros e povos originários. Esse epistemicídio está presente no currículo e em

algumas práticas pedagógicas ao invisibilizar contribuições históricas, culturais e intelectuais desses povos. Em “Lugar de fala”, Ribeiro (2020) contribui para esse debate ao diferenciar “lugar de fala” de “representatividade”, pois enfatiza que todos falam a partir de uma localização social, mas é preciso que os grupos dominantes reconheçam seus privilégios para que vozes marginalizadas sejam ouvidas.

Sobre a ação docente, Santos (2021) argumenta que utilizar conceitos como etnocentrismo e relativismo cultural permite que os educandos questionem a ausência de autores negros em outras áreas. E aponta que, oficinas de valorização estética e o estudo da intelectualidade negra são caminhos para construir identidades positivas. Portanto, decolonizar é um compromisso contínuo de reestruturação do saber para criar um ambiente no qual o jovem negro não apenas esteja presente, mas se sinta pertencente e potente.

METODOLOGIA

O trabalho de investigação científica considera a abordagem qualitativa de acordo com Minayo (2010), porque valoriza a subjetividade, a interpretação e a compreensão dos contextos sociais e culturais. Desse modo, exige reflexões e sensibilidade ética para a compreensão do nosso papel educativo e a influência no processo da pesquisa e seus impactos, e assim explorar a complexidade da vida social, ao considerar as experiências e perspectivas para o entendimento dos fenômenos estudados.

A abordagem qualitativa colabora para compreender as experiências, percepções e significados atribuídos por questões subjetivas ao promover uma análise aprofundada das questões relacionadas ao racismo, identidades e educação decolonial. Nessa lógica, desdobra-se a necessidade de contribuir com reflexões sobre práticas pedagógicas, desafios enfrentados e percepções sobre a Pedagogia Decolonial.

Em se tratando do campo das Ciências Sociais, utilizamos a pesquisa de Goffman na obra “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (1988). Nela, o autor trata das complexidades do estigma e da identidade social, com uma análise sobre como os indivíduos gerenciam atributos de descrédito na sociedade e o impacto do estigma no autoconceito e interações sociais. Ainda reflete sobre a vida cotidiana, interação simbólica e as maneiras pelas quais os indivíduos estruturam suas identidades (pessoal e social), e aponta que o estigma é um termo empregado para descrever um atributo altamente depreciativo, estabelecendo uma conexão entre esse atributo e um estereótipo.

Nesse sentido, um indivíduo que poderia ser facilmente aceito na vida social cotidiana pode possuir um traço que inevitavelmente chama a atenção e afasta aqueles com quem ele interage, o que compromete a oportunidade de reconhecer outros aspectos de sua personalidade. Portanto, identidade pessoal e identidade social estão relacionadas como resultado das relações sociais e das informações acerca do indivíduo que envolvem desigualdades (Goffman, 1988).

A pesquisa conta com estudos bibliográficos e considera: os documentos legais nacionais da educação básica como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - DCNERER, as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08; e os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Os referenciais teóricos priorizam autores e autoras negras que defendem a Pedagogia Decolonial, a educação antirracista e o ensino de Sociologia, com conceitos, desafios e possibilidades para práticas pedagógicas no ensino de Sociologia no ensino médio. Elas contribuem para um processo de ensino-aprendizagem que valoriza a formação integral do discente, suas experiências e saberes no sentido de identidades positivas que contribuirão para as relações de cidadania, trabalho, garantia de direitos, justiça social, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do estudo realizado, concluímos que a pesquisa possibilita refletir e considerar a implementação de práticas pedagógicas decoloniais no ensino de Sociologia, ao defender a valorização das identidades e culturas de educandos (as) negros (as) e a construção de uma educação mais justa e inclusiva. Ao realizar uma análise profunda sobre a importância da Pedagogia Decolonial da educação antirracista como ferramentas fundamentais para promover a inclusão, a equidade e a emancipação dos indivíduos, especialmente aqueles pertencentes a grupos historicamente marginalizados, conseguimos desconstruir as narrativas eurocêntricas que permeiam há muito tempo o ensino, e assim valorizar os conhecimentos, práticas e perspectivas de outros grupos.

As autoras e os autores selecionados conversam com o conceito de racismo estrutural e demonstram que, apesar dos avanços dos documentos e Leis acerca da diversidade étnica e cultural, precisamos realizar um trabalho contínuo que colabore para novas perspectivas a partir da Pedagogia Decolonial. Fica evidente a importância de conhecer e aproximar as realidades das juventudes negras, pois os dados revelam as dificuldades e os preconceitos que enfrentam, bem como contribuir com o engajamento ético e político para que alcancem o acesso equitativo à educação de qualidade e à entrada digna no mercado de trabalho.

A pesquisa demonstra que a escola precisa compreender os diversos modos de ser jovem, suas realidades e particularidades, e propor práticas pedagógicas que dialoguem com essa diversidade em sala de aula. Por isso, a importância da formação continuada, da escuta responsável e das reflexões acerca da prática pedagógica para combater estereótipos, preconceitos e atitudes discriminatórias. Bem como a relevância de combater a omissão diante da necessidade do debate ao longo do ano letivo e não resumido às ações antirracistas tão somente em comemorações relacionadas ao tema.

Isso implica em repensar não apenas os conteúdos curriculares, mas também os métodos de ensino, materiais didáticos, formação de professores, de forma a promover uma educação que considere as realidades de educandos (as) para que possam questionar e lutar pelos seus direitos. Assim como a importância do engajamento das juventudes no processo de ensino-aprendizagem na busca por transformar suas realidades, e a construção dos sentimentos de orgulho e pertencimento às culturas negras.

Além disso, evidencia-se a relevância dos movimentos sociais, especialmente o Movimento Negro, na luta pela igualdade racial e na promoção de uma educação decolonial. O caráter educacional dos movimentos sociais favorece à decolonização dos currículos. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de reconhecer e confrontar o racismo estrutural presente na sociedade e nas relações de dominação que perpetuam a exclusão e a discriminação, presentes também nas escolas.

Desse modo, a perspectiva da Pedagogia Decolonial pode contribuir para a construção das identidades dos jovens negros (as) com uma educação antirracista, nos estudos da Sociologia inerentes ao Ensino Médio contemporâneo, ao extrapolar os espaços com ações contra-hegemônicas fundamentais nas identidades e contribuições dos povos africanos e originários, que reverberam na sociedade.

A Sociologia aparece como componente curricular profícuo para o trato da cultura e diversidade e uma educação antirracista, porque os conceitos sociológicos podem contribuir com práticas pedagógicas que incentivam identidades positivas de educandos (as) negros (as). Nessa seara, a educação emancipatória, libertária e antirracistas são ferramentas educacionais que promovem inclusão, pertencimento e protagonismo aos educandos.

De acordo com Freire (1996) ensinar exige respeito aos saberes do educando, relacionar a sua realidade concreta aos conteúdos. E, assim, refletir criticamente sobre a prática pedagógica, alargar a compreensão do movimento dinâmico e dialético da educação. Ao incorporar esses princípios da pedagogia decolonial no ensino de sociologia, os educadores podem fomentar abordagens críticas e reflexivas, e permitir que os educandos compreendam e analisem as complexidades das relações sociais e culturais em um mundo globalizado e diversificado.

Decolonial pedagogy applied to the study of sociology in contemporary high school education: limitations and possibilities

ABSTRACT

This article is the result of the final thesis for the Pedagogy program at the Federal University of the São Francisco Valley (UNIVASF) and aimed to present reflections grounded in national legal documents on education, as well as in the works of Black authors focused on Decolonial Pedagogy and anti-racist teaching practices. In light of this, we ask: how can the perspective of Decolonial Pedagogy contribute to the construction of Black youth's identities through anti-racist education in Sociology studies inherent to contemporary high school education? The research was bibliographic and qualitative. The specific objectives were: to analyze the meanings of Decolonial Pedagogy; to identify the limits and possibilities in the teaching of Sociology in high school; and to enhance the implementation of Decolonial Pedagogy for a more democratic, pluralistic, and socially just education. We conclude that decoloniality applied to the teaching of Sociology re-structures educational practices that have historically been marginalized.

KEYWORDS: Antiracist Education. Sociology Teaching. High School. Decolonial Pedagogy.

La pedagogía descolonial aplicada al estudio de la sociología en la enseñanza secundaria contemporánea: límites y posibilidades

RESUMEN

Este artículo es el resultado del Trabajo de Fin de Carrera del Grado en Pedagogía de la Universidad Federal del Valle del São Francisco (UNIVASF) y tenía como objetivo presentar reflexiones basadas en documentos legales nacionales sobre educación, así como en autores y autoras negros y negras centrados en la Pedagogía Descolonial y en las prácticas pedagógicas antirracistas. Ante esto, nos preguntamos: ¿cómo puede la perspectiva de la Pedagogía Descolonial contribuir a la construcción de las identidades de los jóvenes negros y negras mediante la educación antirracista, en los estudios de Sociología inherentes a la enseñanza secundaria contemporánea? La investigación fue bibliográfica y cualitativa. Los objetivos específicos fueron: analizar los significados de la Pedagogía Descolonial; identificar los límites y las posibilidades en la enseñanza de la Sociología en la Educación Secundaria; y potenciar la implementación de la Pedagogía Descolonial para una educación más democrática, plural y comprometida con la justicia social. Se concluye que la descolonialidad aplicada a la enseñanza de la sociología reestructura las prácticas educativas que han sido históricamente marginadas.

PALABRAS CLAVE: Educación antirracista. Enseñanza de la sociología. Pedagogía descolonial.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p.424-495. Disponível em: <d_c_n_educacao_ba-sica_nova.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004. Disponível em: inep.gov.br. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília, 1999. 394p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c1988. 158 p.
- GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (Orgs.). **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos**. In: BERNARDI-NO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p.223.

GROPPO, Luís Antônio. A juventude como categoria social. In: GROPPPO, L.A. (Org.). **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Todos Pela Educação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO SOU DA PAZ. “**Violência armada e racismo**: o papel da arma de fogo na desigualdade racial”, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Revista Educação Antirracista**: tensões e desafios para o ensino desociologia - Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 81-98, jan./mar. 2014.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 160 p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SANTOS, Luane Bento dos. (2021). Práticas educativas antirracistas no currículo de sociologia do ensino médio. **Revista Espaço Acadêmico**, 20(226), 163-174. Recuperado de <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/articulo/view/52929>>.

Recebido: 25 mai. 2026
Aprovado: 20 ago. 2026
DOI: 10.3895/rtr.v11n0.21861

Como citar: RABELO, L. K. D., COSTA, G. M. N. A pedagogia decolonial aplicada com o estudo da sociologia no ensino médio contemporâneo: limites e possibilidades. **Revista Transmutare**. Curitiba, v. 11, e21861, p. 1-11, 2026. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:
Luyza Karla Dantas Rabelo
luyzadantasr@hotmail.com

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

